

Proposta 1

Você é candidato/a a vereador/a em uma cidade de São Paulo. Em sua campanha, prometeu resolver uma situação polêmica envolvendo a escola pública em que estudou. A escola foi fundada em 1965 e tem em seu pátio duas estátuas de figuras históricas apresentadas como glórias passadas do Estado: um bandeirante, que hoje dá nome a uma rodovia estadual (Anhanguera), e um missionário jesuíta que fundou a cidade de São Paulo (Padre Anchieta). Tais estátuas sempre passaram despercebidas pela maioria dos estudantes. Em 2020, inspirados no movimento *Black Lives Matter* (*Vidas Negras Importam*), que questionou monumentos erguidos em homenagem a colonizadores e escravagistas na Europa, Estados Unidos e África, um grupo de estudantes se mobilizou para pedir a retirada das estátuas do pátio da escola. Outros estudantes se manifestaram contra a possível retirada.

Como ex-aluno/a e candidato/a a vereador/a, você foi convidado/a para discutir o assunto na assembleia estudantil dessa escola. Você então decide preparar um **discurso político** a ser proferido na assembleia. Em seu texto, você deve: **a)** fazer um balanço das duas visões em disputa; **b)** assumir uma posição sobre como agir diante do dilema da retirada ou não das estátuas, *argumentando* no sentido de convencer os estudantes ali presentes. Lembre-se de que, como líder político, sua posição terá impacto nos encaminhamentos da assembleia. Para escrever seu texto, leve em conta a coletânea apresentada a seguir.

1. Bandeirante: indivíduo que no Brasil colonial tomou parte em *bandeira* (no sentido de "expedição"); paulista (no sentido de "natural" ou "habitante"); que ou o que abre caminho; desbravador, precursor, pioneiro. (*Dicionário Houaiss on-line*. Disponível em https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v5-4/html/index.php#1. Acessado em 28/09/2020.)

2. Os vândalos do bem escolheram o alvo certo. Assim como os intelectuais de ontem, que ergueram estátuas para celebrar as ideias hegemônicas da época, os de hoje estão dispostos a derrubá-las em nome do mesmo princípio covarde. Uma estátua é uma cicatriz da história, uma marca inscrita pelo passado no corpo paisagístico da sociedade. Nas praças, nos parques ou nas ruas, as estátuas alertam-nos sobre o passado - ou melhor, sobre incontáveis camadas de passado. A derrubada desses símbolos revela o desejo tirânico de exterminar a memória social. Uma estátua erguida no passado não representa uma celebração presente de um personagem ou de uma ideologia, mas apenas a prova material de que, um dia, em outra época, isso foi celebrado. (Adaptado de Demétrio Magnoli, Derrubada de estátua é a imposição do esquecimento. *Folha de São Paulo*, 26/06/2020.)

3.



(Alexandre Beck. Disponível em <https://tirasamandinho.tumblr.com/post/151198042879/tirinha-original>. Acessado em 28/09/2020.)

4. Cidades são locais de memória e temos o direito de atribuímos novos sentidos a monumentos que outrora esculpimos em pedra. Não se apaga a história, escrita com a caneta dos vencedores. No caso de estátuas, questiona-se quem merece um pedestal público. A escolha não está entre depredar monumentos ou deixá-los intocáveis. Podemos, ao invés disso, ter a maturidade de escolher não elogiar genocidas em nosso espaço público e derrubar monumentos. Civilidade essa que é, aliás, infinitamente superior à das figuras representadas nesses monumentos. Seja para pô-los em museus, para colocá-los em cemitérios de esculturas, para ressignificá-los, quando o valor artístico permite, seja para destruí-los, quando este valor for pífio. (Adaptado de Thiago Amparo, Borba Gato deve cair. *Folha de São Paulo*, 14/06/2020.)

5. Como todos os missionários do Brasil, Anchieta protegia os índios e benzia a escravidão dos negros. Para ele, o cativo dos últimos livrava os primeiros da exploração colonial. Depois, o padre Antônio Vieira completou a justificação jesuítica do tráfico negreiro, afirmando que o escravismo também salvava os africanos do paganismo. Ao fio dos anos, acumulando negócios, os jesuítas se tornaram grandes proprietários de escravos. A fazenda de Santa Cruz, que lhes pertencia, era a maior propriedade escravista das Américas por volta de 1750, concentrando mais de mil cativos negros e mulatos. (Adaptado de Luiz Felipe Alencastro, Santo Anchieta dos poucos. *Folha de São Paulo*, 20/07/2014.)

6. Os motivos que moviam os bandeirantes eram três. Em primeiro lugar, a riqueza: comerciantes endinheirados organizavam bandeiras para descobrir novas minas e depósitos de ouro, prata e pedras como a esmeralda. Em segundo lugar, a propriedade: fazendeiros financiadores usavam as expedições para ampliar suas terras, aumentando o território para cultivo ou criação de gado. Por fim, a mão de obra: muitas viagens tinham como objetivo recapturar escravos fugitivos ou então encontrar índios que pudessem ser escravizados. (Adaptado de <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-era-uma-expedicao-dos-bandeirantes/>. Acessado em 25/09/2020.)

COMENTÁRIO

A proposta solicitava que o candidato se colocasse no lugar de um(a) **candidato(a) a vereador(a)** em uma cidade do estado de São Paulo e escrevesse um **discurso político** em que argumentasse a respeito da **retirada ou não de duas estátuas de figuras históricas do pátio de uma escola pública em que havia estudado**. As imagens eram representações apresentadas como glórias passadas do Estado: um bandeirante, que hoje dá nome a uma rodovia estadual (Anhanguera), e um missionário jesuíta que fundou a cidade de São Paulo (Padre Anchieta). A polêmica em torno do assunto foi criada por um grupo de estudantes e teria sido motivada por movimentos como *Black Lives Matter*, que, em 2020, questionou monumentos em torno do mundo erguidos em homenagem a colonizadores e escravagistas. Alguns alunos, porém, não concordaram com a remoção.

O texto do discurso deveria ser **proferido em uma assembleia estudantil** e, obrigatoriamente, conter um **balanço das duas visões a respeito do assunto** e o **posicionamento do enunciador**. Além disso, a proposta enfatizava a **importância da opinião exposta para os encaminhamentos** a serem assumidos pela escola e também o **caráter argumentativo** do texto que precisaria ter o poder de convencer os ouvintes.

A coletânea contava com seis pequenos fragmentos, de diferentes gêneros, que precisariam ser considerados pelo candidato na redação de seu texto. O primeiro traz a definição de dicionário de “Bandeirante”. O segundo, adaptado de um texto de Demétrio Magnoli para a Folha de São Paulo, defende a manutenção de monumentos como “cicatrices da história”, argumentando sobre a importância da preservação da memória social e classificando aqueles que desejam derrubá-la como “vândalos”. O terceiro texto, tirinha de Alexandre Beck, satiriza a mesma denominação utilizada para criticar aqueles que picharam o Monumento dos Bandeirantes em São Paulo, afirmando que os bandeirantes destruíram aldeias e escravizaram povos indígenas para alcançar seus objetivos. O quarto fragmento, também adaptado de um artigo de opinião de Thiago Amparo para a Folha de São Paulo, argumenta no sentido do direito de “não elogiar genocidas em nosso espaço público e derrubar monumentos”, apontando a possibilidade dessas estátuas serem deslocadas para museus ou para algum tipo de “cemitérios de esculturas”, sem que as obras precisem ser destruídas. O quinto texto, adaptado de Luís Felipe Alencastro para o mesmo jornal, discute a ação dos jesuítas no apoio à escravização dos negros, ainda que houvesse a proteção dos índios. O texto denuncia também o processo de enriquecimento dos jesuítas e sua posse de uma das maiores propriedades escravistas das Américas: a fazenda Santa Cruz. O último texto enumera os motivos que moviam os bandeirantes em seu processo de exploração: a conquista de dinheiro, de propriedade e de recuperação de escravos fugidos.

- Uma primeira opção seria o candidato desenvolver o seu texto, após expor brevemente os dois posicionamentos, defendendo a ideia de que a manutenção das estátuas no pátio da escola funcionaria como um sinal de respeito à história e de importante tema de discussão entre os estudantes, tendo como apoio principal para sua argumentação o texto 2 da coletânea.
- Outra possibilidade, após a breve exposição inicial, seria argumentar em favor da retirada dos monumentos pelo fato de serem exemplos de atitudes de exploração e dominação em que indivíduos (principalmente negros e índios) eram subjulgados aos interesses de esferas superiores de poder. Para enriquecer essa argumentação, os textos 3, 4, 5 e 6 seriam muito úteis.

Importante reforçar que as marcas do gênero “discurso político” deveriam estar presentes no texto final, como um vocativo introdutório (caros alunos ou senhores e senhoras presentes) e também a manutenção da interlocução com o público ouvinte durante todo o desenvolvimento. O final deveria conter um agradecimento pela oportunidade. Alguma menção ao fato do enunciador ter estudado na escola em que discursa também seria fundamental para a verossimilhança da fala. Em se tratando de um texto escrito para ser falado, espera-se que a Banca valorize a inclusão de algumas expressões da linguagem oral.